

O humor em alta (19)

■ Visita mostrou um presidente muito à vontade

“**V**ocês estão dispostos a um jogo de bola entre os membros do gabinete de Bill Clinton e o meu ministério, que inclui o Pelé?” perguntou Fernando Henrique Cardoso, ontem, no final da entrevista que deu no National Press Club, quando o moderador perguntou se o Brasil estaria disposto a trocar a taça da próxima Copa do Mundo por assistência financeira. “E vocês acham que vocês ganhariam a Copa?”, ironizou o presidente, um pouco irritado com a pergunta. “O Brasil, em nenhum momento durante esta visita, pediu qualquer forma de assistência financeira. Apenas investimentos”, afirmou o presidente.

O dia inteiro, Fernando Henrique demonstrou com seu bom humor que a viagem estava saindo acima de suas expectativas. Contou as piadas que correram durante o jantar na Casa Branca, quando, numa demonstração de intimidade, o casal Bill e Hillary Clinton levou Fernando Henrique e sua mulher Ruth para os aposentos particulares da Casa Branca. Lá, na sacada Truman, tiveram a oportunidade de apreciar uma das vistas mais bonitas de Washington, com todos os seus monumentos. Durante o jantar, Ruth Cardoso se sen-

tou ao lado de Bill Clinton, a quem contou sobre todos os impostos que existem no Brasil. Clinton ficou especialmente encantado com a descrição do IPMF. “Não caia nessa,” disse Fernando Henrique a Clinton. Tratando-se de bons conselhos, Hillary sugeriu que Ruth não se envolvesse na reforma do sistema de saúde — um esforço pessoal, e sem resultados, de Hillary.

No brinde que ofereceu ao presidente, Bill Clinton disse que havia descoberto que Fernando Henrique queria ser padre quando era criança. “Minha mãe também me dizia quando eu era criança que se eu fosse um bom menino eu poderia ser padre,” disse. “Acho que não fui bom o suficiente e acabei como presidente dos Estados Unidos.”

Fernando Henrique falou em inglês sempre que pôde, e nunca usou intérprete. Também recorreu a outros idiomas: na OEA, discursou em inglês, francês e espanhol. Numa entrevista pela manhã, ao ser perguntado porque tinha ido à casa do “lobista” Henry Kissinger, o presidente explicou que estava apenas se esforçando mais uma vez para mostrar as qualidades do país. E sem nenhuma modéstia, analisou: “Não vou ficar preso numa torre de marfim. Não é o nosso caso. Mas como se diz, onde está o rei, é a casa.”